

ALLANSON, WILLIAM (1818-?). Nascido em Inglaterra e falecido num dramático naufrágio quando dirigia o seu navio comercial, o *Henrich*, em viagem mercantil entre a China e a Índia, William Allanson pertence a esse importante grupo de comerciantes britânicos que, ao longo do período oitocentista, conseguiu desenvolver prósperos negócios entre Macau, Cantão e Xangai. Em 1854, Allanson inaugurou no território macaense com o seu sócio Frederick John Angier – personagem com fortes ligações à família local dos Nolasco da Silva – uma firma comercial denominada “*Angier & Allanson*”. Descobre-se uma dessas típicas companhias do século XIX organizadas em torno da exportação de produções chinesas, sobretudo chá, porcelanas e sedas, circulando lucrativamente entre Macau e a Inglaterra que, nesta altura, alargava o consumo económico e social dos chás orientais. A firma não resistiria à morte infeliz de William Allanson, mas a família gerada com o seu casamento com Mary Allanson, depois de obtida licença para a consumação de um matrimónio em disparidade de culto, viria a criar uma descendência católica com alguma importância nas actividades religiosas em Macau e Hong Kong. Assim, uma das filhas deste casamento entre este abonado comerciante protestante e uma mulher católica, recebendo o nome completo de Maria Joana Allanson, mas mais popularmente conhecida por “Mariquinhas”, nascida e baptizada já em S. Lourenço, concretizaria missão significativa na abertura e desenvolvimento do trabalho das Canosianas em Hong Kong, seguindo o exemplo caritativo e o empenho educacional que esta ordem feminina havia já difundido em Macau e, ainda mais longe, em Timor.

[I.C.S.]

Bibliografia: FORJAZ, Jorge, *Famílias Macaenses*, (Macau, 1996), pp. 75-76.

ALLOM, THOMAS (1804-1872). Nascido em Londres, Thomas Allom foi arquitecto, ilustrador das empresas *Virtue & Co.* e *Heath & Co.*, autor de várias obras literárias e “artista topográfico”, tendo estagiado no atelier de Sir Francis Goodwin. Foi também membro fundador do *Royal Institute of British Architects*, colaborou com Sir Charles Barry nos planos arquitectónicos do edifício do Parlamento inglês e expôs na *Royal Academy of Arts*, tornando-se conhecido pelos seus trabalhos topográficos utilizados para ilustrar narrativas de viagem. Sendo Allom um viajante ávido, não se sabe ao certo quando e como (ou se) terá visitado o

Extremo Oriente, tendo ‘bebido influências’ nas obras de William Alexander e de Auguste Borget, relativamente a este último no que diz respeito às paisagens do Templo da Barra e de Macau vista das fortalezas de Heang-Shan. Esta mesma semelhança dá origem à teoria de que Allom nunca visitara a China. O artista ilustra o texto *China Illustrated, its Scenery, Architecture, Social Habits, &c.* (1845, prefácio de 1843) do reverendo George Neweham Wright, publicado pouco depois da primeira Guerra do Ópio. Das obras do ilustrador, destacam-se “The Pr[a]ia Grande, Macao”, “Façade of the Great Temple at Macao”, “Chapel in the Great Temple, Macao”, “Macao, from the Forts of Heang-Shan”, “Dinner Party at a Mandarin’s House”, “Festival of the Dragon-Boat, 5th Day of 5th Moon” e “China Opium Smokers” em *China Illustrated* (1843-1847), entre outras paisagens de Cantão e diversas localidades chinesas. Thomas Allom viria a falecer em Barnes, decorria o ano de 1872.

[R.M.P.]

Bibliografia: ALLOM, Thomas, *Character and Costume in Turkey and Italy*, com texto de Emma Reeve, (Londres, c. 1839); WRIGHT, George Neweham, *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits of that Ancient Empire. Drawn from Original and Authentic Sketches*, (Londres, c. 1840); WRIGHT, George Neweham, *The Chinese Empire Illustrated: Being a Series of Views from Original Sketches, Displaying the Scenery, Architecture, Social Habits, &c., of that Ancient and Exclusive Nation, by Thomas Allom, Esq., with Historical and Descriptive Letterpress, by the Rev. G. N. Wright*, (Londres, 1858, reeditado em 1988); BROOKS, Diana, *Thomas Allom (1804-1872)*, (Londres, 1998).

ALMEIDA, ANA D’ (?-?). O pouco conhecido livro de Ana d’Almeida *A Lady’s Visit to Manilla and Japan* é uma obra tão curiosa como rara. O volume de quase trezentas páginas de reduzido formato, ilustrado com várias gravuras, algumas delas coloridas, oferece um extraordinário relato da viagem da autora com o seu marido e filha, ao longo de 1862, a partir de Singapura para visitar sucessivamente Hong Kong, Manila, Macau, Amoy, Cantão e Xangai, chegando depois ao Japão onde seria uma das primeiras mulheres estrangeiras a conseguir visitar Nagasáqui e Yokahama. O seu livro é precisamente recordado por esta viagem original tendo suscitado algum, ainda que limitado, interesse académico e uma recente reedição que, datando de 2003, segue a publicação original oitocentista, permitindo aproximar mais a obra do leitor interessado actual. Em termos gerais, estamos colocados perante um desses cada vez mais procurados

livros de viagens em que predomina a observação, a curiosidade e alguma surpresa pelo outro, tantas vezes devidamente exagerada e representada para excitar os leitores elitários europeus. Apesar de dominado pela ordem do observacional, preferindo uma descrição quase visual das suas viagens, em algumas áreas textuais Ana d'Almeida procura perseguir uma certa perspectiva feminina, mobilizando observações cuidadas sobre a vida social doméstica, comportamentos sociais e formas de vida das mulheres locais. Uma interessada observação que se surpreende na descrição também social de Manila e do complexo jogo de estatutos e hábitos sociais da vida urbana do Japão. Para além destas verdadeiras novidades, a obra de Ana de Almeida interessa-nos mais especialmente pelos dois capítulos – o quarto e quinto – em que se organizam por escrito as memórias de uma visita rápida, mas interessada, ao pequeno enclave macaense, quase prefigurando um verdadeiro guia turístico. Ana d'Almeida tinha ligações familiares profundas com Macau, mas que foram quase completamente esquecidas nas suas macaenses páginas. Tinha casado em Oxford, à roda de 1860, com William Barrington d'Almeida, segundo filho do primeiro casamento do macaense Joaquim José d'Almeida com Rosemary Barrington. Apesar de nascido em 1811 em Macau, na freguesia da Sé, Joaquim d'Almeida tinha acompanhado ainda jovem o seu pai, o médico José d'Almeida Carvalho e Silva, para Singapura onde fundaria firma comercial importante e se tornaria primeiro cônsul de Portugal na “região dos Estreitos”. Abandonando o nome de solteira de Anna Henriette Pennington, Ana d'Almeida abraçaria a vida social e os contactos comerciais da poderosa dinastia singaporense de Almeidas que continuaram a manter importantes ligações e investimentos mercantis em Macau. Por isso, durante a sua visita ao enclave, Ana d'Almeida viria a alojar-se na sumptuosa residência apalaçada do primeiro barão do Cercal (hoje, Palácio do Governo), sede para várias visitas ao património histórico de Macau tanto como para o convívio social e cultural com a grande burguesia comercial católica macaense. O seu livro é uma descrição importante de alguns dos locais que fundavam os lugares da memória da comunidade cristã de Macau, da fachada da igreja Jesuíta da Madre de Deus ao jardim de Camões, demoradamente descrito com algum criticismo. Descrições que se alargam a alguns templos religiosos chineses, devidamente catalogados como pagodes, permitindo descobrir outras críticas pretensamente

cultas e elevadas sobre as “superstições” chinesas, mas que se alargam também a algumas manifestações mais fervorosas do catolicismo local. Talvez mais interessante, é o testemunho social e cultural raro que a descrição de Macau de Ana d'Almeida permite abrir em direcção aos comportamentos sociais e simbólicos de uma rica alta burguesia mercantil que, nos seus palácios e festas, convívios e saraus musicais, procurava exibir uma sorte de aristocracia ocidental que deixou marcas no património histórico macaense. [I.C.S.]

Bibliografia: BLAKE, M.; EBERT-OEHLERS, A., *Singapore Eurasians: Memories and Hopes*, (Singapore, 1992); ALMEIDA, Anna d', *A Lady's Visit to Manila and Japan*, (London, 1863); ALMEIDA, Anna d', *A Lady's Visit to Manila and Japan*, (Chicago, 2003); MULLINER, K., *Historical Dictionary of Singapore*, (Metuchen, NJ, 1991).

ALMEIDA, JANUÁRIO AGOSTINHO DE (1759-1825). Nascido ainda em Portugal, na lisboeta freguesia da Sé, em Lisboa, corria o ano de 1759, Januário Agostinho de Almeida viria a falecer em Calcutá, na Índia, em 1825. Chega cedo aos enclaves portugueses da Ásia com apenas dezassete anos, logo iniciando agitada actividade comercial em Macau. Proprietário de três embarcações mercantís macaenses – *S. Miguel, Nossa Senhora do Carmo e Lucónia* – Almeida conseguia mobilizar mais de 15000 picos de arqueação indispensáveis para transportar os lucrativos tratos de produtos sumptuários chineses e dos têxteis industriais indianos, em abundante circulação entre as economias do Sul da China e da Índia, alcançando também os mercados europeus. Rapidamente, Januário Agostinho de Almeida se viria a tornar num dos mais ricos comerciantes privados de Macau, fundando firma mercantil ao gosto oitocentista com o seu nome. Como vários outros abastados comerciantes da primeira metade do século XIX macaense, haveria de preferir construir a sua habitação apalaçada no Porto Interior, nela mantendo uma forte guarda pessoal que chegava à centena de cipaíes. Partilha com outros membros macaenses deste poderoso grupo mercantil a obtenção do título de cavaleiro da Ordem de Cristo, depois chegando mesmo a ser premiado como fidalgo da Casa Real com esse outro título, simbolicamente mais elevado, de primeiro barão de S. José de Porto Alegre, mercê régia recebida em 1815 quando contava os cinquenta e seis anos de idade. O enorme poder comercial de Januário Agostinho de Almeida no enclave macaense convidou-o a participar de forma empenhada na criação